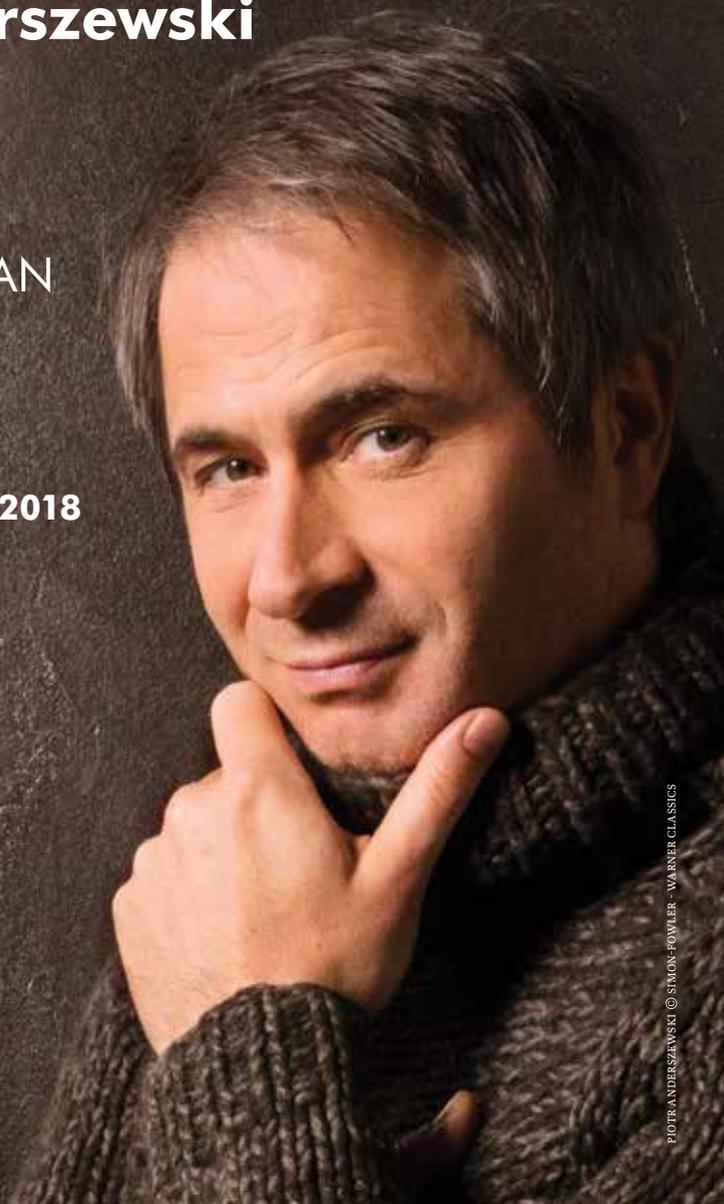


Orquestra Gulbenkian

David Zinman
Piotr Anderszewski



11 + 12 OUTUBRO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Orquestra Gulbenkian

11 OUTUBRO
QUINTA

21:00 — Grande Auditório

12 OUTUBRO
SEXTA

19:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

David Zinman Maestro

Piotr Anderszewski Piano

Varoujan Bartikian Violoncelo

Lu Zheng Viola

Zoltán Kodály

Danças de Galanta

Béla Bartók

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em
Mi maior, Sz. 119

Allegretto

Adagio religioso

Allegro vivace

INTERVALO

Richard Strauss

Dom Quixote, op. 35

Introdução

Tema com variações

Final

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Zoltán Kodály

Keckskemét, 16 de dezembro de 1882

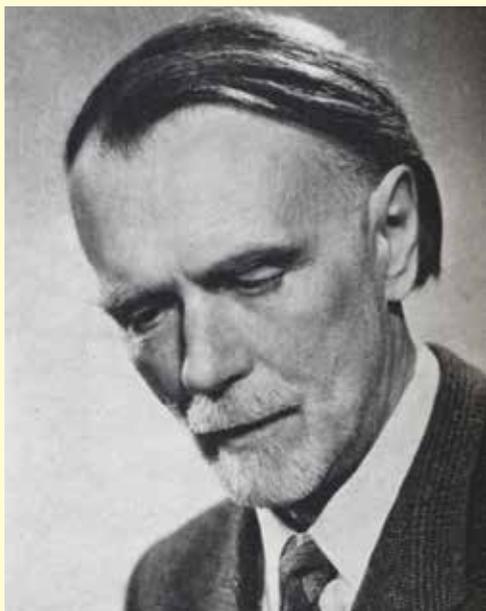
Budapeste, 6 de março de 1967

Danças de Galanta

COMPOSIÇÃO: 1933

ESTREIA: Budapeste, 23 de outubro de 1933

DURAÇÃO: c. 15 min.



ZOLTÁN KODÁLY © DR

Ao lado do compatriota Béla Bartók (1881-1945), Zoltán Kodály desempenhou um papel decisivo na expansão da tradição musical húngara durante a primeira metade do século XX. Discreta, mas persistente, a sua atividade ficou ligada sobretudo à ópera, à música sinfônica e à música de câmara. O método progressivo de solfejo que concebeu veio a formar toda uma geração de jovens que viveu no período conturbado da Segunda Grande Guerra e reveste-se, ainda hoje, de grande valor pedagógico, sobretudo em escolas de música húngaras e norte-americanas.

A produção musical de Kodály engloba uma parcela abrangente de obras corais e de câmara, assim como diversas partituras sinfônicas que adquiriram merecida celebridade, tais como a suite da ópera *Háry János*, a *Sinfonia em Dó* e as *Danças de Galanta*. Esta última obra resultou de uma encomenda da Sociedade Filarmônica de Budapeste para a comemoração do 80.º aniversário da sua fundação. A estreia ocorreu a

23 de outubro de 1933, sob a direção do maestro de origem húngara Ernst von Dohnányi. Neste mostruário esplendoroso de cores orquestrais, o compositor presta homenagem aos músicos ciganos que conheceu na sua infância, passada com a sua família na pequena cidade de Galanta, antigo bastião do império austro-húngaro que se situa, hoje em dia, em território eslovaco. No prefácio à edição, Kodály foi bastante específico quanto à origem desta singular fonte de inspiração, invocando até o violinista Mihók, líder do principal agrupamento romani local. Com a adaptação – e consequente estilização – quer dos temas melódicos, quer também dos padrões rítmicos de dança e, em particular, do típico *verbunkos*, Kodály logrou perpetuar uma das tradições mais características e enraizadas da Europa de Leste, transpondo-a para a sala de concertos e dando-a a conhecer a um público vasto e heterogêneo que, de outro modo, não teria dela a menor ideia.

Béla Bartók

Nagyszentmiklós, 25 de março de 1881

Nova Iorque, 26 de setembro de 1945

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em Mi maior, Sz. 119

COMPOSIÇÃO: 1945

ESTREIA: Filadélfia, 8 de fevereiro de 1946

DURAÇÃO: c. 25 min.



BÉLA BARTÓK E GYÖRGY SÁNDOR, AO PIANO, EM 1945 © DR

Béla Bartók dedicou o seu Concerto para Piano e Orquestra n.º 3 à sua segunda esposa, a pianista Ditta Pásztory-Bartók (1903-1982). Em vista do seu temperamento, o músico idealizou um discurso musical de grande delicadeza e transparência, o qual se afasta proposadamente dos meandros tecnicistas dos dois anteriores concertos para piano, concluídos, respetivamente, em 1926 e 1931. Deixado incompleto à data da morte de Bartók, o Concerto n.º 3 foi finalizado pelo violinista e compositor Tibor Serly, a partir de esboços preexistentes, por forma a poder ser estreado em Filadélfia, a 8 de fevereiro de 1946, por György Sándor e Eugene Ormandy.

No primeiro andamento, Bartók socorre-se da forma de sonata regular, com exposição bitemática. O apelo à música tradicional húngara sobressai no primeiro tema, inquieto e revelador de algumas agruras melódicas, reforçadas, de resto, pelo efetivo orquestral. Para segundo tema, o compositor propõe um gesto melódico novo que, não obstante, irá confluir no primeiro tema, através de uma breve passagem nas madeiras. Após o desenvolvimento, tem lugar a recapitulação, em moldes convencionais.

No centro do Concerto figura o idílico *Adagio religioso*, de natureza serena e contemplativa. Uma vez mais, o compositor desvia-se dos modelos concertantes austro-germânicos e promove sequências melódicas menos habituais, com recurso ao pentatonismo e à dissonância não preparada. As cordas intervêm como elementos de ligação entre as diversas secções solistas. À primeira secção vem a suceder um episódio central mais dinâmico, povoado por trilos das cordas e por comentários incisivos do denso naipe de metais, numa evocação mística de grande impacto. A entrada do piano a solo, logo sucedido pelas madeiras, assinala o regresso da primeira secção, largamente enriquecida com passagens de carácter ornamental. O *Adagio religioso* encadeia diretamente no *Allegro vivace* final, por via da intervenção discreta da percussão. Em tom mais extrovertido, Bartók promove, neste último andamento, a alternância entre as secções de apelo à dança e as passagens de maior lirismo, numa lógica de progressão musical constante, a qual mostra afinidades com a forma de rondó-sonata de herança romântica.

Richard Strauss

Munique, 11 de junho de 1864

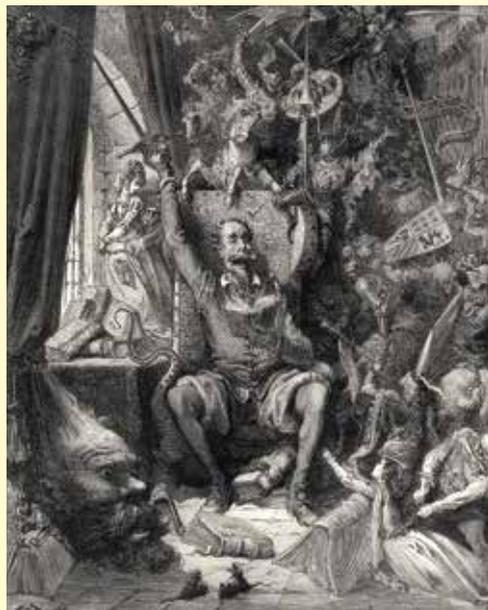
Garmisch, 8 de setembro de 1949

Dom Quixote, op. 35

COMPOSIÇÃO: 1896-1897

ESTREIA: Colónia, 8 de março de 1898

DURAÇÃO: c. 40 min.



DOM QUIXOTE. ILUSTRAÇÃO DE GUSTAVE DORÉ, 1863. © DR

Abraçando os ideais da música programática, na esteira direta de Franz Liszt, o poema sinfónico *Dom Quixote*, op. 35, foi concluído em dezembro de 1897, à luz do romance homónimo do dramaturgo e poeta espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616). A personalidade contraditória do personagem principal, misto de devaneio, insatisfação e sarcasmo, aliada à sátira dos decadentes códigos feudais, estimulou a mente prodigiosa de Strauss, a qual concebeu um conjunto de dez “variações fantásticas sobre um tema de carácter cavaleiresco”. Após a imponente Introdução, Dom Quixote de la Mancha protagoniza a sua entrada triunfal, consubstanciada num tema vigoroso, mas angulado, entoado pelo violoncelo solo e reforçado depois por outros instrumentos, o qual faz jus à essência recalcitrante de alguém que engendra castelos no ar, sem se aperceber de que eles existem somente na sua imaginação. Um rol de semicolcheias, na viola, representa os comentários grosseiros do seu desafortunado escudeiro, Sancho Pança. Tem lugar depois

a primeira variação, representando a saída a cavalo do “estranho par” e a luta encarniçada de Dom Quixote contra os moinhos de vento. Este é o primeiro episódio da longa campanha pela defesa da verdade e da justiça, a qual se prolonga em várias e caricatas instâncias: da refrega com o rebanho de ovelhas que se atravessa no caminho, passando pelo confronto com os penitentes e com o gigante malfeitor dos bosques, até à perseguição dos dois monges beneditinos e ao combate derradeiro com o Cavaleiro da Lua Branca, no seguimento do qual Dom Quixote é derrotado e renuncia às armas. De permeio, sucedem-se quadros mais serenos, no âmbito dos quais Strauss vai contrabalançando as investidas descritivas do aparato orquestral, como acontece no diálogo entre Dom Quixote e Sancho Pança, na velada de armas e no encontro com a camponesa. O reencontro da paz interior e o pressentimento da morte dominam, por sua vez, o quadro final desta página sumptuosa do legado orquestral de Strauss.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Dom Quixote, op.35

Introdução: “Dom Quixote perde a razão lendo romances de cavalaria; decide partir em campanha”

Tema: “ Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, e o seu escudeiro Sancho Pança”

Varição I: “Saída a cavalo do estranho par, sob o estandarte da bela Dulcineia del Toboso, e aventura com os moinhos de vento”

Varição II: “Combate vitorioso contra os exércitos do imperador Alifanfaron (combate contra o rebanho de ovelhas)”

Varição III: “Diálogo entre o cavaleiro e o seu escudeiro: reivindicações, perguntas e provérbios de Sancho; conselhos, apaziguamentos e promessas de Dom Quixote”

Varição IV: “Infortúnio com uma procissão de penitentes”

Varição V: “Vigília de armas de Dom Quixote; doces suspiros pensando na distante Dulcineia”

Varição VI: “Encontro com uma camponesa que Sancho Pança descreve ao seu senhor como uma metamorfose de Dulcineia”

Varição VII: “Cavalgada pelos ares”

Varição VIII: “Desditosa travessia na barca encantada (ritmo de barcarola)”

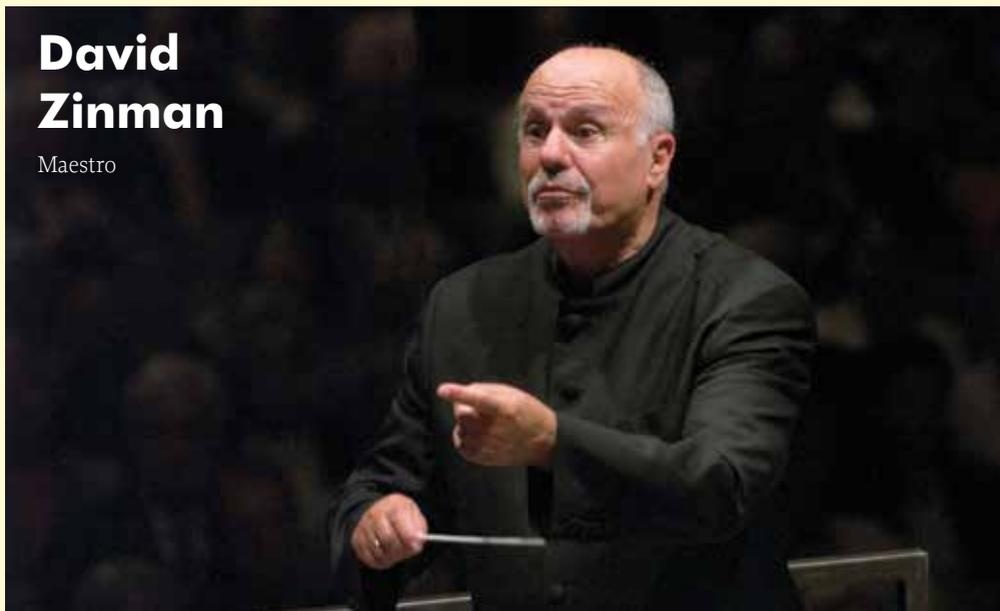
Varição IX: “Combate contra pretensos mágicos, dois monges beneditinos montados nas suas mulas”

Varição X: “Grande combate singular contra o Cavaleiro da Lua Branca. Dom Quixote, aterrado, faz o seu adeus às armas, decidindo tornar-se pastor e voltar a casa”

Final: “Regressado à lucidez, Dom Quixote vive os seus últimos dias na contemplação; a sua morte”

David Zinman

Maestro



Maestro Emérito da Orquestra do Tonhalle de Zurique, David Zinman foi o Maestro Principal desta orquestra ao longo de 19 anos (1995-2014). A sua carreira inclui ainda os cargos de Diretor Musical da Filarmónica de Roterdão, da Filarmónica de Rochester, da Sinfónica de Baltimore e da Orchestre Français des Jeunes, além de Maestro Principal da Orquestra de Câmara Holandesa e de Diretor Musical da Academia de Direção do Festival de Música de Aspen.

David Zinman é um convidado regular das principais orquestras mundiais. A presente temporada inclui apresentações com a Sinfónica de Viena, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, a Sinfónica de Dallas e a Orquestra do Tonhalle de Zurique, incluindo a orientação de *master-classes*. Assinala-se também o seu regresso à Gulbenkian Música, depois de, em abril de 2013, ter dirigido a Orquestra Gulbenkian e o violinista Michael Barenboim. Ao longo da sua carreira, partilhou o palco com outros excecionais artistas como Mitsuko Uchida,

Alfred Brendel, Yefim Bronfman, Radu Lupu, Truls Mørk, Lisa Batiashvili, Gil Shaham, Julia Fischer, Renée Fleming, Yo-Yo Ma, Emanuel Ax ou Andrés Schiff.

Em 2000, David Zinman recebeu do Ministro Francês da Cultura o título de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres*, bem como o Prémio das Artes da Cidade de Zurique. Mais recentemente, foi-lhe atribuído o prestigioso Prémio Theodore Thomas em reconhecimento do seu trabalho e dos serviços prestados em prol do desenvolvimento artístico e técnico da direção de orquestra. Em 2008 recebeu o prémio *Midem Classical Artist of the Year* pelo seu trabalho com a Orquestra do Tonhalle de Zurique. A Universidade de Columbia atribuiu-lhe o Prémio Ditson, reconhecendo a sua excecional dedicação à interpretação de obras de compositores americanos.

A discografia de David Zinman ultrapassa a 100 gravações, tendo muitas delas sido premiadas internacionalmente: cinco prémios *Grammy*, dois *Grand Prix du Disque*, dois Prémios Edison, o *Deutsche Schallplattenpreis* e o Prémio Gramophone.

Piotr Anderszewski

Piano



PIOTR ANDERSZEWSKI © MG DE SAINT VENANT - VIRGIN CLASSICS

Piotr Anderszewski estudou na Academia Chopin de Varsóvia e nos Conservatórios de Estrasburgo e de Lyon. Apresenta-se com regularidade em recital, em prestigiadas salas como o Konzerthaus de Viena, a Philharmonie de Berlim, o Wigmore Hall de Londres, o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Théâtre des Champs-Élysées de Paris ou o Concertgebouw de Amsterdão. Como solista de concerto, colaborou com muitas das principais orquestras mundiais, apresentando-se também com frequência na dupla função de solista e diretor de orquestra, nomeadamente com a Orquestra de Câmara Escocesa, a Orquestra de Câmara da Europa e a Camerata Salzburg.

Na presente temporada, Piotr Anderszewski regressará ao Grande Auditório Gulbenkian para um recital no próximo dia 2 de dezembro e, como solista e maestro, atuará de novo com a Orquestra Gulbenkian a 14 e 15 de fevereiro de 2019. Outros compromissos incluem colaborações com a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica de Londres, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e a Sinfónica Yomiuri Nippon. Os seus recitais na Europa

incluem a Philharmonie de Berlim, o Festival de Música de Lucerna, o Konzerthaus de Viena e a Herkulessaal de Munique. Realizará também uma digressão nos Estados Unidos da América e uma digressão europeia com o Quarteto Belcea. Destacado pela intensidade e originalidade das suas interpretações, Piotr Anderszewski recebeu várias distinções, incluindo o Prémio Gilmore, atribuído de quatro em quatro anos a um pianista de talento excepcional, o Prémio Szymanowski e o prémio da Royal Philharmonic Society. As suas gravações para a Warner Classic/Erato receberam também vários prémios, incluindo o Prémio Gramophone, o *ECHO Classic*, “Disco do Ano” da *BBC Music Magazine*, além de nomeações para os *Grammy*. Piotr Anderszewski é a figura central em dois documentários de Bruno Monsiegeon: em *Piotr Anderszewski plays the Diabelli Variations* (2001) o pianista apresenta a sua relação particular com as *Variações Diabelli* de Beethoven; *Unquiet Traveller* (2008) é um invulgar retrato de Anderszewski, capturando as reflexões do pianista sobre a música, a interpretação e as suas raízes polacas e húngaras.

Varoujan Bartikian

Violoncelo



Lu Zheng

Viola



Varoujan Bartikian nasceu na Arménia. Iniciou os seus estudos na Escola Especializada de Música Tchaikovsky, sob a orientação de Alexander Tchauchian – grande professor e pedagogo e um dos pilares da escola violoncelística arménia, tendo formado várias gerações de violoncelistas ao longo de quase um século. De 1978 a 1983, frequentou o Conservatório Superior de Música Komitas, em Yerevan. Em 1977 venceu o Concurso Transcaucasiano de Violoncelo, em Tbilissi. Em 1981 foi laureado no Concurso das Repúblicas Soviéticas. Licenciou-se em 1983 e obteve o grau de Mestre em Violoncelo e em Ciências Musicais, nas áreas de Teoria da Interpretação e de Metodologia do Ensino. É membro fundador do Quarteto de Cordas de Yerevan, constituído em 1982. Este quarteto venceu o Concurso Borodin de 1983. Em 1988 começou a lecionar violoncelo no Conservatório Komitas, lugar que ocupou até se deslocar para Portugal, em 1989, quando passou a integrar a Orquestra Gulbenkian com a qual tem atuado também como solista. Tocou com a Orquestra Filarmónica da Arménia, sob a direção de John Nelson e gravou para a Antena 2 da RDP. Em 1991 formou o Trio Bartikian, com Michel Gal (piano) e Esther Georgie (clarinete). Durante dez anos (2001-2011) foi membro do Quarteto Capela e, desde 2013, é o violoncelista do Trio Aeternus. Gravou várias obras de António Victorino d'Almeida para a etiqueta Numérica. Varoujan Bartikian é 1.º Violoncelo Solista da Orquestra Gulbenkian.

Lu Zheng nasceu em agosto de 1977, em Tian Jin, na China. Começou a estudar violino e viola de arco aos seis anos de idade. Entre 1989 e 1997, frequentou o Conservatório Central de Música, em Pequim, onde realizou estudos complementares e superiores de viola. Entre 1994 e 1997, foi Viola Principal da Orquestra Juvenil da China. Em 1998 foi um dos membros fundadores do Chinese Quartet, tendo-se apresentado com este grupo nos Festivais de Música de Évora e do Algarve, a convite da Fundação Oriente. Entretanto, aperfeiçoou-se em música de câmara com Max Rabinovitsj e em viola de arco com Barbara Friedhoff e Bruno Pasquier.

Entre 2000 e 2004, Lu Zheng foi Solista B da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É professor de viola de arco e de música de câmara e apresenta-se regularmente em recitais a solo e de música de câmara. Ingressou na Orquestra Gulbenkian em 2005.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÀRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian

realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro Titular

Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal

Leonardo García Alarcón Maestro Associado

Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS

Petri Aarnio *Concertino Principal **

Francisco Lima Santos *1º Concertino Auxiliar*

Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Sara Llano *

Tomás Costa *

Anna Paliwoda *

Eurico Cardoso *

Ana Albergaria *

Ana Sousa *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes

1º Solista

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

David Ascensão *

Miguel Simões *

Félix Duarte *

Mafalda Rodrigues *

Ana Sibila *

Luís Cunha *

VIOLAS

Samuel Barsegian

1º Solista

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Leonor Fleming *

Nuno Soares *

Chiara Antico *

Isabel Garcia *

Paul Tulloch *

Teresa Fleming *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian

1º Solista

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken

2º Solista

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

Maria José Falcão *

Jaime Polo *

Fernando Costa *

Lara Ariznabarreta *

Inês Paiva *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo

1º Solista

Domingos Ribeiro

1º Solista

Manuel Rego *2º Solista*

Marine Triolet

Maja Plüddemann

Romeu Santos *

Alexandre Santos *

Andreia Pacheco *

Francisca Sá Machado *

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1º Solista*

Auxiliar

Amália Tortajada *2º Solista*

Ana Filipa Lima *2º Solista **

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista*

Auxiliar

Alice Caplow-Sparks

2º Solista

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista*

Auxiliar

José María Mosqueda

2º Solista

Clarinete baixo

Samuel Marques *2º Solista **

José Pinto *2º Solista **

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

Raquel Saraiva *2º Solista*

Joana Maia *2º Solista **

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-

Andrade *2º Solista*

Pedro Fernandes

*2º Solista **

Albert Galka *2º Solista **

Luís Sousa *2º Solista **

Mickael Faustino

*2º Solista **

TROMPETES

Adrian Martinez *1º Solista*

Jorge Pereira *1º Solista*

*Auxiliar **

David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Sérgio Miñana *1º Solista*

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

Tiago Noites *2º Solista **

EUFÓNIO

Ricardo Antão *2º Solista **

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

Francisco Sequeira

*2º Solista **

HARPA

Carolina Coimbra

*1º Solista **

* Instrumentista

convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azedo

Raquel Serra

Guilherme Baptista

19 + 20 outubro

Pinchas Zukerman



Orquestra
Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



PINCHAS ZUKERMAN © DR

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

700 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Outubro 2018

